



A TRADIÇÃO PROFÉTICA NO ANTIGO TESTAMENTO E SUA INFLUÊNCIA NA IDENTIDADE DE ISRAEL¹

The prophetic tradition in the Old Testament and its influence on the identity of Israel

Lúcia Macedo Leffa²
Verner Hoefelmann³

Resumo:

O presente estudo tem como objetivo apresentar a tradição profética israelita e sua influência na identidade do povo de Israel. A partir deste objetivo, fez-se uma pesquisa descritiva e bibliográfica sobre o tema, na qual se contemplou o profeta, as características da profecia israelita e a mensagem proclamada. Conduziu-se o estudo considerando as diferenças existentes entre a profecia de outros povos e a profecia israelita. Em relação à mensagem, notou-se a existência de dois temas principais: o juízo e a salvação. Constatou-se que a tradição profética israelita evidencia o coletivo, as tradições, o relacionamento entre Deus e o povo, além da importância dada à mensagem e não ao indivíduo profeta. Em relação à contextualização do tema, conclui-se que existe atualmente uma discrepância e um desconhecimento sobre a importância da tradição profética no meio religioso.

Palavras-chave: Tradição Profética. Profecia Israelita. Israel.

Abstract:

The present study aims to show the Israelite prophetic tradition and its influence on the identity of the people of Israel. From this objective, descriptive and bibliographical research was carried out on the subject, in which the prophet, the characteristics of the Israelite prophecy, and its proclaimed message were contemplated. The study was conducted while considering the existing differences between other people's prophecies and the Israelite prophecy. In regards to the message, it was noticeable the existence of two main themes: judgment and salvation. It was established that the prophetic Israelite tradition highlights the collective thinking, the traditions, and the relationship between God and the people, in addition to the importance given to the message and not only to the prophet. Concerning the contextualization of the theme, it was concluded that today there is a discrepancy and lack of knowledge about the importance of prophetic tradition in the religious medium.

Keywords: Prophetic Tradition. Israelite Prophecy. Israel.

Introdução

¹ Enviado em: 22.08.2022. Aceito em: 15.06.2023

² E-mail: lucialeffapioner@gmail.com.

³ E-mail: vernerhoe@hotmail.com.

Ao estudarmos o povo de Israel no Antigo Testamento, nos deparamos com indivíduos singulares que surgem ao longo da história, em diversas épocas e contextos, reivindicando o papel de porta-vozes de Javé e evocando a Sua autoridade. Esses portadores das revelações de Deus, conhecidos como profetas, trazem a seus ouvintes mensagens de arrependimento, juízo, esperança, salvação, obediência, entre outras, que se tornaram importantes não somente para a sua época, mas também para gerações posteriores, que tiveram acesso a elas através do texto escrito.

Nos dias atuais, especialmente no meio neopentecostal, percebe-se uma distorção com respeito ao tema. A tradição profética está sendo desvinculada de sua relação original com um coletivo, para ser desvirtuada como exercício de autoritarismo espiritual, ligado muitas vezes a motivos inconfessáveis como disputa de poder e busca de prosperidade. Com isso se perde toda a riqueza literária e teológica existente no fenômeno da profecia de Israel e sua importância e influência na identidade do povo de Deus. Conforme evidenciado nas Escrituras e na canonização dos escritos proféticos, esses personagens tiveram participação ativa na sociedade israelita. A tradição por eles criada e veiculada teve grande importância na construção da identidade do povo de Israel e sua mensagem permanece viva e atual também para a sociedade e a Igreja de nossa época.

Diante disso, a presente pesquisa, de caráter descritivo e bibliográfico, pretende oferecer um panorama sobre o fenômeno do profetismo em Israel e demonstrar a importância da tradição profética no Antigo Testamento e no testemunho do povo israelita. Como será evidenciado, o profeta não trata de assuntos pessoais, mas serve como mediador entre Deus e o povo de Israel, contribuindo assim com a construção de sua identidade como povo e o seu testemunho perante as outras nações.

O trabalho está dividido em três blocos, a saber: a) O profeta e seu contexto; b) Características da profecia em Israel, e c) A mensagem dos profetas. Espera-se obter com este estudo o grau final necessário para a conclusão do curso de Especialização em Antigo Testamento e alcançar o objetivo proposto.

O Profeta e seu Contexto

Ao estudarmos a tradição profética, é importante observar que o fenômeno da profecia israelita é bastante diverso, ou seja, não representa uma unidade e tampouco é algo específico do povo de Israel. Em várias culturas do Oriente Próximo evidencia-se a busca pelo sobrenatural, pelo conhecimento do futuro. Para orientar suas decisões, o ser humano busca respostas e orientações junto à divindade⁴.

Diaz relata que nas culturas do entorno do Antigo Israel as religiões já estavam organizadas e difundidas. Apesar de muitos consultarem os espíritos dos antepassados, buscava-se respostas mais concretas junto aos deuses.⁵ Conforme Lima, o conhecimento da vontade dos deuses era buscado por meio de “procedimentos mânticos”, através de técnicas específicas como a observação

⁴ LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. *Mensageiros de Deus: profetas e profecias no antigo Israel*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: ED. Reflexão, 2012. p. 11.

⁵ DIAZ, José Luis Sicre. *Introdução ao Profetismo Bíblico*. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 21.

da natureza, de vísceras de animais, da comunicação com os mortos, de sortes tiradas, constando algumas delas inclusive em textos bíblicos.⁶

Em Israel, porém, começa a surgir “um acontecimento estranho, inexplicável e original”⁷: surgem pessoas, designadas de profetas, cuja autoridade não estava vinculada a eles mesmos, mas além deles, junto à divindade cultuada. A profecia veterotestamentária não estava relacionada a técnicas, mas sim à comunicação direta com a divindade, independentemente das habilidades do profeta, como podemos vislumbrar em Amós, que não era profeta profissional, e sim pastor de ovelhas.

Um ponto importante a ser ressaltado quando se fala em profecia bíblica é de que “o profeta é totalmente subordinado à divindade, que espontaneamente lhe dirige sua alocação”⁸, ou seja, o profeta depende exclusivamente da comunicação da divindade. Ele fala em nome dela e se não houver palavra de Deus, não haverá profecia. Essa iniciativa que parte da divindade pode ser exemplificada em Ez 3.26-27a, onde se diz: “Farei com que a sua língua se apegue ao céu da boca, e você ficará mudo e incapaz de os repreender [...]. Mas, quando eu falar com você, eu lhe devolverei a fala e você lhes dirá: Assim diz o Senhor Deus”⁹. Esse texto mostra que a palavra profética está completamente subordinada à vontade de Deus.

Gunneweg faz uma afirmação importante nesse sentido: “a verdadeira raiz da proclamação profética continua sendo aquele elemento irracional”, pelo qual o profeta se obriga à proclamação da palavra de Deus, mesmo contra a sua vontade e a de seus ouvintes.¹⁰ Para exercer a sua vocação e proclamar sua profecia, o profeta torna-se totalmente dependente da vontade de Deus. Sua autoridade não está nele mesmo, mas em Deus.

De acordo com Lima, por entender-se como canal de comunicação e estar diretamente vinculado à vontade de Deus, o profeta exerce uma função que vai além de predizer o futuro. Ele não somente comunica fatos desconhecidos, mas seu anúncio surge do contato com Deus, de sua relação e experiência com Ele. Por isso, o profeta está “profundamente radicado na história de seu tempo”¹¹, falando às vezes para uma situação específica vivida pelo povo, mas que pode ultrapassar o contexto no qual ele vive.

O profeta é então um mensageiro de Deus. Conforme Lima, a profecia é considerada autêntica com base em seu cumprimento. Ela deve ser fiel à lei do Senhor, mostrando que o profeta está de acordo com as tradições israelitas.¹² Conforme a autora, ambos os critérios podem ser vistos em Dt 18.21-22 e Dt 13.2-6. O primeiro texto afirma que o não cumprimento da palavra dita pelo profeta significa que ela não foi dita pelo Senhor. O segundo ressalta que o profeta vive dos mandamentos do Senhor e os ensina ao povo. Por isso a palavra do profeta não é reconhecida por Deus quando ela diverge em relação à Sua lei. Não basta, portanto, que a palavra dita pelo profeta

⁶ LIMA, 2012, p. 11-12.

⁷ BRUEGGMANN, Walter. *Teologia do Antigo Testamento: testemunho, disputa e defesa*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2014. p. 805.

⁸ LIMA, 2012, p. 13.

⁹ BÍBLIA de Estudo Conselheira. NAA. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2019.

¹⁰ GUNNEWEG, Antonius H.J. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola; Teológica. 2005. p. 243.

¹¹ LIMA, 2012, p. 14.

¹² LIMA, 2012, p. 16-17.

se cumpra. A própria mensagem e a vida do profeta deve estar de acordo com o que a lei ensina: uma vida de santidade, dedicada ao Senhor.

Características da Profecia em Israel

Apesar de existirem semelhanças entre a tradição profética de outros povos e a tradição israelita, especialmente nos textos neoassírios e nos de Mari, algumas diferenças também se fazem notar. Israel cria, a partir de algo existente, uma singularidade única, ou, como nos diz Schmidt, “algo inconfundivelmente próprio”.¹³ Estas diferenças, especialmente na relação com o profetismo em Mari,¹⁴ ressaltam as características da profecia israelita.

Na profecia bíblica, como em outros povos, estão presentes o êxtase, os sonhos, as visões. Entretanto, nota-se mais comumente que a palavra é dirigida diretamente ao profeta por Deus.¹⁵ Conforme Gunneweg, é nesse ponto, inclusive, que está a particularidade do profetismo em Israel: a importância não está no aspecto externo, mas sim no conteúdo da mensagem e na reivindicação do profeta de estar proclamando e atuando em nome de Deus.¹⁶ A fórmula do mensageiro utilizada (“assim diz Javé”) ressalta o aspecto de que quem está falando é o próprio Deus e não o profeta. A origem da revelação não está no profeta, nem este reivindica para si a autoridade da palavra transmitida¹⁷. Pelo contrário, coloca-se o mensageiro em segundo plano, que permanece completamente à mercê da vontade divina. Por serem canais de comunicação, Brueggemann afirma sobre os profetas que “o interesse teológico está muito mais em seus pronunciamentos que em suas personalidades”¹⁸, mostrando assim o caráter secundário do indivíduo.

As cartas de Mari mostram que, quando a divindade traz a palavra ao profeta, este espontaneamente a dirige ao rei.¹⁹ A mensagem em geral traz alguma exigência em relação ao culto, instruções específicas, como a necessidade de construir algum portão na cidade, ou então comunica a vitória sobre os inimigos. A obediência ou desobediência à ordem dada pela divindade traz promessas ou castigos, especialmente em relação à manutenção daquela dinastia.²⁰ Em relação à tradição profética em Israel, Lima e Schmidt acentuam que Deus também destina a mensagem ao povo, ao coletivo, e não exclusivamente aos reis. Para Lima, a questão fundamental não está necessariamente em apontar para algum perigo iminente ou para o seu livramento, mas sim, “na comunhão com Deus, a rejeição ou não do povo e, portanto, a continuação ou não do povo como tal”²¹. Já Schmidt, citando Notscher, diz que:

Uma pregação profética que se destina ao povo e funda uma tradição própria, como em Israel, não se encontra em Mari nem no restante do Antigo Oriente. Um anúncio incondicional de juízo que atinge todo o país ou mesmo todo o universo, [...] é totalmente desconhecido em Mari.²²

¹³ SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal. 2004. p. 331.

¹⁴ DIAZ, 2016, p. 138. Mari é a capital de um reino mesopotâmico, durante a segunda metade do terceiro milênio e a primeira metade do segundo a.C. As cartas de Mari são do século 18 a.C.

¹⁵ LIMA, 2012, p. 41.

¹⁶ GUNNEWEG, 2005, p. 244.

¹⁷ LIMA, 2012, p. 41.

¹⁸ BRUEGGEMANN, 2014, p. 806.

¹⁹ SCHMIDT, 2004, p. 333.

²⁰ LIMA, 2012, p. 42.

²¹ LIMA, 2012, p.43.

²² NOTSCHER *apud* SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal. 2004. p. 334.

Outra diferença em relação às tradições neoassírias e de Mari é que a profecia israelita carrega críticas aos reis e governantes. Não é esse o caso das primeiras, cuja mensagem profética visava normalmente apoiar o rei.²³ Isso não significa que em Israel não haja mensagens de esperança para os reis, mas o que se vê normalmente são ameaças relacionadas à fidelidade para com Deus e sua lei. Também o culto é questionado, em especial quando a atitude interior de quem cultua e suas práticas externas não são compatíveis.²⁴ Este tipo de crítica pode ser observado, entre tantos outros textos, em Os 6.6: “Quero misericórdia, e não sacrifício; conhecimento de Deus, mais do que holocaustos”.²⁵

Não obstante eles denunciam as práticas cultuais quando elas se tornam “tranquilizantes das consciências, ao mesmo tempo em que introduzem uma falsa ideia de Deus”. Isso acontece quando as pessoas se dirigem ao templo e cultuam a Deus, enquanto oprimem os pobres e são indiferentes ao sofrimento do povo, crendo que Javé se agrada mais dos rituais do que da misericórdia e justiça.²⁶ A oposição aos reis tem a ver com o tamanho da responsabilidade a eles confiadas por Javé²⁷. Ao analisar seu tempo e contexto e observar o afastamento dos reis, dos líderes religiosos e do povo, os profetas acabam “gerando” uma crise, já que a mensagem se contrapõe à situação observada.²⁸

Outra característica importante da tradição profética israelita trata do prestígio dos profetas em relação às classes dirigentes, a exemplo dos profetas Isaías e Habacuque.²⁹ Em Mari, o rei procurava confirmar a profecia através da adivinhação, isto é, a profecia deveria ser confirmada por outros procedimentos. O *status* dos profetas israelitas era diferente, “embora por vezes rechaçados pelo poder constituído e pela própria sociedade, tiveram sua autoridade moral reconhecida, de modo que sua palavra não precisava de confirmação; seria sua realização a marca de sua autenticidade”³⁰

A transmissão escrita da palavra profética também está entre as características da tradição profética israelita. Com exceção da Assíria, que possui algumas profecias escritas do século VII a.C., em geral não há, entre os povos do Antigo Oriente Próximo, coleções como as compiladas nos livros proféticos das Sagradas Escrituras.³¹ A palavra falada acaba sendo limitada a um momento específico. Na profecia israelita, além disso, elas eram “selecionadas e reunidas propositalmente”, não havendo similar em relação aos outros povos.³²

Um aspecto importante que vai ao encontro do aspecto do coletivo da profecia bíblica, é que há nela poucas mensagens relacionadas ao dia a dia de pessoas individuais, quando se as compara a profecias dirigidas à vida e existência do povo. O fato de não haver registro desse tipo de

²³ LIMA, 2012, p. 43.

²⁴ LIMA, 2012, p. 43.

²⁵ BÍBLIA, 2019.

²⁶ DIAZ, 2016, p. 386.

²⁷ BRUEGGEMANN, 2014, p. 808.

²⁸ BRUEGGEMANN, 2014, p. 808.

²⁹ LIMA, 2012, p. 44.

³⁰ LIMA, 2012, p. 44.

³¹ LIMA, 2012, p. 45.

³² LIMA, 2012, p. 45.

anúncio individual poderia ser uma evidência que este tipo de mensagem não era considerado válida.³³

Mesmo que a profecia tenha sido anunciada em um momento histórico específico, a partir do momento em que ela passa a ser escrita e reunida em livros, a sua mensagem ultrapassa o contexto e a época em que foi proclamada, tornando-se relevante também para as próximas gerações.³⁴ Apesar das semelhanças com as tradições proféticas de outros povos, o registro escrito da profecia israelita fez com que ela atingisse uma importância muito maior do que a dos outros povos, causando um grande impacto, não só cultural, mas também social e religioso.³⁵ Este ponto é mencionado por Schmidt. Ele afirma que com a transmissão escrita, novos destinatários passam a ser contemplados.³⁶

Concluimos essa parte com um resumo de Lima apresenta sobre as características da profecia bíblica. Segundo essa autora, os profetas ou as profecias bíblicas:

Não se apresentam como defensores do status quo, mas à luz da doutrina do Senhor, são críticos do mesmo (Mq 2,11) [...]; - Não se apresentam como seguros de si mesmos, mas sim obedientes à palavra divina (Jr 28, 1-17); - Não vivem da profecia como sua profissão (Mq 3,5; Am 7,12-14); - São capazes de acusar a falsa segurança dos destinatários nas tradições (Am 7, 12-14); - [...] Sua vida torna-se totalmente tocada e comprometida com a palavra de Deus (Jr 5,14; 20,7-9; Am 3,18); - Profetizam porque foram vocacionados por Deus para esta missão, muitas vezes contra a sua própria vontade e tendências naturais (Is 6,1-8; Jr 1,4-10;15,10-21;20,7-18).³⁷

A Mensagem dos Profetas

Ao estudarmos os livros proféticos, constatamos que as mensagens proclamadas retratam as mais diversas situações vivenciadas pelos profetas em sua época. Eles anunciam palavras de juízo, arrependimento, esperança, entre outras, não somente para o povo de Israel, mas também para outras nações circunvizinhas. Entretanto, dois temas tornam-se particularmente importantes, tanto para o povo de Israel como para outras nações: juízo e salvação.

O juízo de Deus

O tema do juízo de Deus percorre os livros proféticos em suas diferentes épocas e ocupa um lugar importante na profecia bíblica. Acredita-se que o tema do juízo possa ter-se desenvolvido durante o tempo da monarquia em Israel, mesmo que a ideia tenha surgido em uma época anterior, já que a concepção de Deus como juiz pressupõe que Deus tem o poder de julgar, seja o povo ou o rei.³⁸ Brueggemann relaciona o discurso judicial como um dos gêneros característicos no discurso profético, segundo o qual reconhecer Javé como soberano é a única maneira de garantir o bem-estar do mundo. Entretanto, caso não seja reconhecida essa soberania, resta “a espada, a fome e a peste”.³⁹

³³ LIMA, 2012, p. 46.

³⁴ LIMA, 2012, p. 48.

³⁵ LIMA, 2012, p. 49.

³⁶ SCHMIDT, 2004, p. 346.

³⁷ LIMA, 2012, p. 18-19.

³⁸ LIMA, 2012, p. 114.

³⁹ BRUEGGEMANN, 2014, p. 822.

Em relação ao tema do juízo, importa ressaltar, especialmente no período pré-exílico, o conceito da ira de Deus. Ira não significa ódio, mas sim, a “reação do Deus da aliança diante da infidelidade ou do Deus santo, que faz valer sua soberania”.⁴⁰ A ira de Deus o revela como “sujeito pessoal”, que não fica indiferente ao pecado. Sua ira não é instrumento de justiça, mas demonstração de seu poder e da sua reação diante do mal causado pelo ser humano, que age de forma contrária à vontade de Deus e de seu agir salvífico.⁴¹ No exílio e pós-exílio, a ira pesa também sobre o povo, a exemplo das dificuldades enfrentadas na reconstrução de Jerusalém. A ira também pode ser uma ameaça permanente, como quando o povo retorna à sua terra e não corresponde adequadamente a este novo tempo.⁴² Em relação a Israel, a ira divina demonstra a reação de Deus diante da infidelidade, da ingratidão e do amor não correspondido. Ela revela a outra face de seu amor, colocando em xeque a existência de Israel como povo e a continuidade do plano de Deus em relação à nação.⁴³

No anúncio profético, o juízo de Deus se destina sobretudo à coletividade. Mas há textos em que o juízo é endereçado a indivíduos específicos ou certas categorias. A culpa da ruína recai nesse caso sobre as classes dirigentes, embora todos haverão de sofrer o juízo.⁴⁴ A partir do século VIII, principalmente a partir de Jeremias e Ezequiel, aparece a ideia de “resto”, segundo o qual alguns sofrem o juízo, enquanto outros são poupados.⁴⁵

O juízo se deve, em princípio, a três fatores: desordens sociais, políticas e cúlticas.⁴⁶ A idolatria é a causa mais comum do juízo, seja por causa do culto a deuses estrangeiros ou do culto sincrético.⁴⁷ Em relação ao culto, o juízo se deve ao “não atendimento às normas de culto, sua utilização para proveito dos próprios sacerdotes e sobretudo a celebração cultual sem correspondência com exigências éticas”.⁴⁸ Nos profetas pós-exílicos, o tema da injustiça social ganha importância, quando os responsáveis pela sociedade passam a ser criticados pelo menosprezo do direito.⁴⁹ Outro ponto importante relaciona-se à crítica política, especialmente quando envolve a relação do povo de Israel com povos estrangeiros, ou a questões bélicas, vista como um sinal de falta de confiança em Deus.⁵⁰

O juízo de Deus relaciona-se com fatores históricos, incluindo-se aí a invasão estrangeira, o extermínio e a deportação da maioria do povo⁵¹. Pode-se citar como exemplo a queda de Samaria (722/721 a.C.) e de Jerusalém (586 a.C.). É importante ressaltar que o juízo também pode se manifestar através da diminuição ou dizimação da população, da destruição dos lugares de culto, da paralisação das atividades cúlticas.⁵² Não se pode esquecer as mensagens de juízo quando o povo

⁴⁰ LIMA, 2012, p. 116.

⁴¹ LIMA, 2012, p. 116.

⁴² LIMA, 2012, p. 115.

⁴³ LIMA, 2012, p. 116.

⁴⁴ LIMA, 2012, p. 117.

⁴⁵ LIMA, 2012, p. 117.

⁴⁶ LIMA, 2012, p. 119.

⁴⁷ LIMA, 2012, p. 119.

⁴⁸ LIMA, 2012, p. 119.

⁴⁹ LIMA, 2012, p. 119.

⁵⁰ LIMA, 2012, p. 119.

⁵¹ LIMA, 2012, p. 119.

⁵² LIMA, 2012, p. 120.

está afastado de Deus, expresso no assim chamado “dia do Senhor”, que atinge seu ponto mais alto na vinda do próprio Senhor.⁵³

O juízo pode ser interpretado como consequência do pecado ou punição de Deus. Mas ressalte-se que não é o acontecimento em si que define juízo, mas sua relação com uma ação de Deus, ou como reação de Deus ao pecado humano. Isso significa que “o juízo só é tal porque é ação de Deus”.⁵⁴

A salvação

Apesar do tema do juízo apresentar um percentual maior em relação ao de salvação⁵⁵, este último torna-se relevante nos livros proféticos, a partir do momento em que o julgamento ou castigo pode não ser o desfecho final do anúncio, podendo haver oportunidade de salvação, caso o povo de Israel venha a arrepender-se de seus pecados e restabeleça o relacionamento perdido com Javé.⁵⁶ Este juízo ou castigo anunciado finaliza com um anúncio de salvação para o povo de Israel ou então o juízo sobre as nações inimigas, criando a perspectiva de tempos salvíficos para o povo escolhido.⁵⁷ A salvação é expressa com a ideia de anulação de uma situação negativa, tendo como consequência uma situação de completo bem-estar dada por Deus, ou seja, “trata-se de algo perdido que é recuperado, embora não sempre exatamente como antes, pois pode haver uma maior dimensão de felicidade”.⁵⁸ Caso Israel se arrependa, o desastre pode ser evitado.⁵⁹

Brueggemann, quando trata dos gêneros típicos do discurso profético, relaciona o “oráculo da promessa” como um pronunciamento característico da mediação de Deus, que pode ser evidenciado pela fórmula “naquele dia” ou “eis aí vem dias”.⁶⁰ Conforme o autor, este discurso ocorre em quase todas as coleções proféticas e “vai completamente além da aliança condicional de Moisés para declarar a resolução incondicionalmente positiva de Javé”.⁶¹ As promessas apresentadas ao povo através dos profetas são promessas anunciadas pelo próprio Deus. Elas anunciam a resolução de Deus em trazer bem-estar ao povo de Israel, através do governo da história.⁶²

As promessas surgem especialmente a partir do exílio. Mesmo que haja o registro em profetas mais antigos, acredita-se que essas tenham sido inclusões editoriais do período exílico.⁶³ As mensagens de salvação apresentam alguns elementos típicos, como a restauração física do povo, da terra, prosperidade, uma nova relação com os outros povos, o restabelecimento de instituições, a eliminação do pecado, a transformação interior e uma nova comunhão com Deus.⁶⁴ Mesmo que inicialmente venha com uma mensagem de juízo, o profeta aparece como a “consciência do povo”,

⁵³ VON RAD, G. *Teologia do Antigo Testamento*. Tradução Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: ASTE; TARGUMIM, 2006. p. 553.

⁵⁴ LIMA, 2012, p.121.

⁵⁵ LIMA, 2012, p. 135.

⁵⁶ BRUEGGEMANN, 2014, p. 823.

⁵⁷ LIMA, 2012, p. 135.

⁵⁸ LIMA, 2012, p.140.

⁵⁹ BRUEGGEMANN, 2014, p. 823.

⁶⁰ BRUEGGEMANN, 2014, p. 824.

⁶¹ BRUEGGEMANN, 2014, p. 824.

⁶² BRUEGGEMANN, 2014, p. 825.

⁶³ BRUEGGEMANN, p. 825.

⁶⁴ LIMA, 2012, p. 141.

que o repreende e anuncia a consequência de seu pecado caso não retome o relacionamento com Deus.⁶⁵

Lima observa que os textos salvíficos, em relação à sua localização, tendem a concentrar-se no final dos livros proféticos, citando como exemplo Ez 40-48; Os 12, 2-9; Am 9, 11-15, entre outros.⁶⁶ Mas também, em alguns casos, vêm após os oráculos de destruição (Is 2, 2-5; 12, 1-6; Jr 23, 5-8) ou em blocos que tratam de juízo (Is 35; Jr 30-33; Ez 33-48).⁶⁷ Nota-se em algumas dessas passagens as fórmulas citadas por Brueggemann: “eis que vem dias”, “naqueles dias”, etc. Essas mensagens de salvação se contrapõem o juízo apresentado, sinalizando um escape, que é a realização do plano de Deus, ou seja, elas visam mostrar que apesar da mensagem negativa, com o advento da promessa, esse juízo é ultrapassado.⁶⁸ Esta perspectiva também é válida, conforme Lima, considerando a classificação da Bíblia Hebraica em profetas anteriores e posteriores. Nos profetas anteriores, desenvolve-se a passagem da situação de salvação (posse da terra) para a desgraça (perda da terra, com a queda de Jerusalém), e nos posteriores, a passagem da desgraça (condenações de Isaías, Jeremias, Ezequiel, Oseias e Sofonias e a perda do Reino do Norte e Sul) para a salvação (restauração do templo em Ageu, Zacarias e Malaquias 3).⁶⁹

Em muitos textos proféticos, ganha importância a retomada de tradições, especialmente aquelas voltadas ao êxodo, à posse da terra, à reestruturação das instituições (como a monarquia e o templo) e à criação.⁷⁰ Em relação ao tempo de realização da promessa, os textos demonstram que este futuro está próximo, sendo o anúncio acompanhado de um sinal, ressaltando-se que a proximidade não se dá tanto no aspecto cronológico, mas sim, na certeza de que a promessa irá se concretizar.⁷¹ Este aspecto da incerteza do tempo do cumprimento da promessa tem a intenção de indicar que a salvação depende exclusivamente da ação divina, no tempo fixado por Deus e que essa salvação ocorrerá porque o Senhor assim decidiu.⁷²

Em relação à realização da salvação, é importante frisar que a salvação não é efetuada pelo próprio povo, mas sim, por Deus, mesmo que haja agentes humanos pelo qual Deus estabelece essa realidade, seja o rei ungido, o profeta ou o Servo Sofredor.⁷³ O povo não pode efetuar a salvação, mesmo que seja fiel e obediente a Deus. O ser humano pode somente aceitar ou se opor a ela, cabendo a Deus decidir, agir e conferir essa salvação.⁷⁴ Esse agir de Deus mostra a Sua onipotência, através da qual os profetas apresentam a consciência israelita de que Deus é o “senhor da história” e que o mundo como um todo depende do agir do Senhor.⁷⁵

⁶⁵ LIMA, 2012, p. 136.

⁶⁶ LIMA, 2012, p. 136

⁶⁷ LIMA, 2012, p. 137.

⁶⁸ LIMA, 2012, p. 137.

⁶⁹ LIMA, 2012, p. 137.

⁷⁰ LIMA, 2012, p. 139.

⁷¹ LIMA, 2012, p. 140.

⁷² LIMA, 2012, p. 140.

⁷³ LIMA, 2012, p. 146.

⁷⁴ LIMA, 2012, p. 150.

⁷⁵ LIMA, 2012, p. 151.

Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo apresentar um panorama do profetismo israelita e demonstrar a importância da tradição profética para o Antigo Testamento e o testemunho de Israel. Sabendo-se que a profecia israelita não é algo inédito e que fez parte da cultura de outros povos, chega-se à conclusão de que a profecia bíblica se caracteriza por sua riqueza literária, especialmente quando comparada à profecia de Mari. Aspectos como a importância do conteúdo da mensagem, o anúncio profético dirigido à coletividade (e não necessariamente ao indivíduo), a importância do relacionamento com Deus, a transmissão escrita, o comprometimento do profeta com o que é anunciado, fazem com que a profecia israelita evidencie não somente as tradições do povo de Israel, como também o relato da construção de uma nação e o agir de Deus em sua história. Este Deus, apresentado pelos profetas, é um Deus que está diante de Seu povo, interagindo e buscando a comunhão, o relacionamento, diferentemente de outras culturas, nas quais os deuses parecem estar distantes e os seres humanos buscam somente descobrir o futuro, conseguir favores ou até aplacar a ira das divindades.

Um dos fatores que deu notoriedade à profecia israelita é o registro escrito dos anúncios. No momento em que a mensagem é escrita, a palavra anunciada passa à condição de algo perene, apontando inclusive para acontecimentos futuros, que à época da proclamação não puderam ser evidenciadas. É o que a tradição cristã descobre, por exemplo, nos textos considerados como messiânicos. No contexto atual, caracterizado pelo individualismo e pelo antropocentrismo, vê-se infelizmente a banalização da mensagem profética. A riqueza da tradição profética é domesticada, assim como o Deus apresentado pelos profetas. Profecia transforma-se em mera adivinhação individual, a serviço de causas escusas e interesses pessoais ou corporativos inconfessáveis. Indivíduos se autoproclamam como profetas de Deus, o que é incompatível com a profecia bíblica, já que segundo ela toda a autoridade do profeta não está nele mesmo e sim Naquele que o vocacionou.

Quando se olha somente para o aspecto individual e não para o coletivo, a mensagem bíblica da salvação se torna secundária. Adquirem importância temas como prosperidade material ou bênçãos terrenas, alcançadas mediante sacrifícios individuais em forma de doações à denominação e de participação em campanhas. Distorce-se assim todo o anúncio profético que se percebe no Antigo Testamento. Outras vezes se restringe o anúncio profético ao juízo, distorcendo assim a imagem de Deus misericordioso e disposto a conceder salvação àquelas pessoas que o buscam.

Ao estudarmos os textos proféticos, reconstruímos o caminho percorrido pelo povo de Israel, suas dificuldades, suas tradições, sua identidade. Aprendemos através de sua história o que Deus espera de seu povo, não somente o povo daquele tempo, mas também do povo de Deus contemporâneo, entre o qual também se encontram as pessoas que se congregam em igrejas. Como diria Brueggemann, sem a obra dos profetas, com sua denúncia e seu anúncio, com a recordação das promessas e seu chamando ao arrependimento, talvez o povo de Israel “poderia ter deixado de ser Israel”.⁷⁶ Por isso sua mensagem deve nortear o povo de Deus de todos os tempos e lugares.

⁷⁶ BRUEGGEMANN, 2014, p. 831.

Referências

BÍBLIA de Estudo Conselheira. NAA. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2019.

BRUEGGMANN, Walter. *Teologia do Antigo Testamento: testemunho, disputa e defesa*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2014.

DIAZ, José Luis Sicre. *Introdução ao Profetismo Bíblico*. Petrópolis: Vozes, 2016.

GUNNEWEG, Antonius H. J. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola; Teológica. 2005.

LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. *Mensageiros de Deus: profetas e profecias no antigo Israel*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: ED. Reflexão, 2012.

RAD, G. Von. *Teologia do Antigo Testamento*. 2. ed. São Paulo: ASTE; TARGUMIM, 2006.

SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal. 2004.